

HOMENAGEM A NAIIEF SÁFADY

Lélia Parreira Duarte (UFMG)

A incumbência de falar neste XXII Encontro de Professores Universitários de Literatura Portuguesa sobre o Professor Naief Sáfady, honra que muito agradeço ao Márcio Muniz e a toda a comissão organizadora do evento, fez-me visitar emocionada os arquivos da memória, para lembrar a figura ímpar daquele que conheci já como Catedrático de Literatura Portuguesa da UFMG, ao entrar para a Faculdade de Letras, em 1965.

Nessa época, o Professor Naief Sáfady, sua cultura profunda e seu vasto conhecimento já eram devidamente conhecidos por todos os estudantes da FAFICH, na UFMG (de que faziam parte ainda as Letras e a Comunicação, sendo que em ambas lecionava o Prof. Sáfady). A grande maioria procurava seus cursos e o reverenciava, buscando suas orientações de estudos e indicações bibliográficas. Alguns alunos, geralmente mal integrados ao curso, desentendiam-se com ele – professor desafio e como tal, sempre exigente –, chegando às vezes a abandonar a faculdade. Os que ficavam, entretanto, normalmente juntavam-se ao grupo de seus amigos e admiradores e, tendo reconhecido a pertinência de sua perspectiva de estudo e de suas linhas de leitura, passavam a ser seus continuadores nas instituições de ensino em que passavam a lecionar.

Grande foi o grupo que Naief Sáfady conseguiu reunir em torno da Literatura Portuguesa, nessa época, destacando-se Maria Lúcia Lepecki, cujo doutorado e livre-docência orientou, na UFMG, estimulando ainda a continuar os estudos e a docência, em Portugal. Como tantos outros, Maria Lúcia Lepecki testemunha o impulso constante que representava para ela o trabalho junto a Naief Sáfady: sempre pronto a ouvir e a dialogar, aconselhava ele a perseguição do desejo, com ânimo forte e sem acomodações. Mesmo quando isso representava para ele o risco de perder uma colaboradora do quilate de Maria Lúcia Lepecki.

Outro grande colaborador, na época, foi Luís Otávio de Sousa Carmo, que se iniciara como monitor de curso e que depois, por interesses familiares, transferiu-se para a Universidade de Brasília, com o pesar, mas também com o beneplácito de Naief Sáfady.

No tempo do curso trabalhamos com ele, também como monitores: Sérgio Pena, Carlos Abdala, Juarez Távora de Freitas e eu. E era estimulante ver cada um envolvido em aulas e na pesquisa que o Professor nos propunha, com supervisão constante, na grande sala do prédio da rua Carangola, onde ficava a sua biblioteca, cujo impressionante acervo estava sempre à nossa disposição.

Foi assim que realizamos vários estudos (reproduzidos no antigo mimeógrafo, para distribuição aos alunos): Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, O teatro, Mário de Sá-Carneiro, e muitos outros. Sempre a partir de desafios que envolviam muitas leituras (como a obra completa de Garrett e a (quase) completa de Camilo, produções de textos e resenhas (lembro-me de ter tido um final de semana para resenhar *A origem da tragédia*, de Nietzsche, texto que fazia parte da bibliografia sobre o teatro)).

Nem só os alunos eram entretanto estimulados a produzir: com a coordenação do Professor Sáfady realizamos, em 1970, uma semana de estudos camonianos, na UFMG, para a qual foram convidados catedráticos de Literatura Portuguesa de várias universidades, cujos estudos o Professor Sáfady bem conhecia: na oportunidade, ouvimos Hélio Simões sobre “A lírica camoniana e as direções da poesia renascentista”; Cleonice Berardinelli sobre “A dimensão tradicional na poesia lírica camoniana”; Joel Pontes sobre “Camões de cordel”; Wilton Cardoso de Sousa sobre “O cânon da Lírica de Camões”, tendo o próprio Sáfady discorrido sobre “O teatro de Camões”.

Outro evento importante foi o II Encontro de Professores Universitários de Literatura Portuguesa (1972) em que, comandados por Mestre Sáfady, distribuímos aos participantes, no dia do início do evento, todos os trabalhos que lá seriam apresentados. Só quem organizou congressos como esse (e como este!) pode avaliar o trabalho monumental que isso representou, bem como aquela extraordinária capacidade de coordenação e dinamização de um grupo; pois naquela época não tínhamos ainda a comunicação rápida que se faz hoje através de computadores, e-mails, impressoras ou xeroxes que mágica e rapidamente reproduzem os textos e facilitam a troca de mensagens.

Tal foi o sucesso desse evento que, anos depois, a UFMG concordou em sediar novamente um encontro da ABRAPLIP (foi o VII, realizado em 1979; também o XVII Encontro, de que se lembram muitos colegas, foi realizado em Belo Horizonte). Uma boa lembrança desse memorável evento de 1979 é a da grande quantidade de livros conseguidos por Sáfady com as editoras, distribuídos após uma sessão plenária aos participantes, os quais circulavam alegremente em torno de uma grande mesa carregada de publicações, escolhendo uma de cada vez.

Bem, o fato de ser esta rememoração guiada pela emoção explica talvez a sua heterodoxia, pois creio que me competia falar inicialmente da formação acadêmica de nosso homenageado, que fez parte de um grupo reunido em torno de Fidelino de Figueiredo, na Universidade de São Paulo, e que incluía vários dos professores justamente homenageados neste congresso: Antônio Soares Amora, Segismundo Spina, Cleonice Berardinelli e Massaud Moisés.

Antônio Soares Amora trouxe-me aliás grande auxílio para esta homenagem, pois a encontro praticamente organizada no prefácio que fez para a primeira edição da *Introdução à análise de texto*, de Naief Sáfady, publicada em 1961. Por si só, esse prefácio seria suficiente para justificar a presença do Professor Sáfady entre estes professores que, em tão boa hora e com tanta justiça, a ABRAPLIP decidiu homenagear neste seu XXII Encontro.

Antônio Soares Amora lembra aí o aluno brilhante: “ávido de saber, sistemático nos estudos, invulgarmente produtivo em todas as tarefas que o curso de Letras lhe impôs”. Recorda também a rápida carreira com que Sáfady chegou ao magistério superior, ao Doutorado e à Livre-docência na Universidade de São Paulo e à cátedra de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia de Assis / SP, e também à cátedra de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Fafich, da UFMG –, de onde posteriormente se desmembrou a Faculdade de Letras, poderíamos acrescentar. O grande

professor e crítico Soares Amora (que tive a honra de ter em minha banca de doutorado, na USP, e também na banca de meu concurso para professor titular, na UFMG, em 1991), fala também, nesse prefácio, das qualidades de Naief Sáfady como crítico e autor de obras didáticas. Ressalta nesse texto as qualidades do livro despretenso que apresentava, e cujo objetivo seria apenas o de ajudar estudantes de Letras nos primeiros passos de análise e interpretação literária. Mas na realidade, acrescenta o Professor Amora, era fruto de saber doutrinário e de experiência profissional cheio de responsabilidade, avançando no sentido de superar a preocupação com a historiografia literária para focalizar a trama do texto (numa atitude precursora de grandes estudos da atualidade, devemos acrescentar).

Soares Amora acentuava assim o caráter pioneiro e avançado do livro de Sáfady, o qual superava a tradição dos estudos literários baseados na historiografia, com a novidade de estudar a trama da composição textual, então vislumbrada como “forma exterior e forma interior”, caminhando assim paralelamente às obras revolucionárias de Roland Barthes, Georges Bataille, Michel Foucault e tantos outros que se transformaram nas bíblias de cabeceira de muitos de nossos estudantes.

Podemos acentuar assim o avanço extraordinário dos estudos de Naief Sáfady, em sua preocupação com a leitura e em sua perspectiva de que “A compreensão plena de uma obra depende exclusivamente do leitor” (citação retirada de SÁFADY, 3ª. ed., 1968, p. 14). “A análise de texto”, continua o Professor, abre sendas que entretanto “só se ampliam e se vitalizam na medida em que o próprio leitor educa seu gosto e sua sensibilidade para perceber toda a riqueza interior da obra lida”. (Idem, p. 14).

Sáfady parece assim pensar como Roland Barthes, em “A morte do autor” (1ª. ed., 1963). Pois parece dizer, como Barthes, que um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas que entram em diálogo (ou em paródia, ou em contestação) umas com as outras. O leitor será onde se reúne essa multiplicidade, pois a unidade do texto não estaria em sua origem, mas em seu destino, nesse *alguém* que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito. Manuel Gusmão completa o pensamento de Barthes, sendo que ambos coincidem, a meu ver, com o de Naief Sáfady: o texto não é mais algo a ser decifrado; o que é necessário é deslindar, percorrer a teia ou a rede, o “espaço da escrita”, através da leitura.

As sucessivas edições desse “despretenso livrinho”, como lhe chamava o seu autor, mostram a sua importância para os estudiosos/leitores de literatura, pois o livro foi adotado também no ensino médio, trazendo certamente grandes benefícios aos estudantes de literatura, e não só.

A mesma perspectiva de “leitura” marca a tese de doutorado de Naief Sáfady, cujo título é *Folhas caídas – a crítica e a poesia* (1ª. ed. 1960). O volume, publicado pela Livraria Francisco Alves, inclui o texto integral das *Folhas caídas*, de Almeida Garrett, sanando assim uma grande falha então existente nas bibliografias de Literatura Portuguesa.

Atual em muitos aspectos, até hoje, o estudo teve de início o mérito de fazer uma leitura do texto de Garrett em si, desligando-o do escândalo que a sua publicação provocou

na sociedade portuguesa da época. Referindo-se à crítica das *Folhas caídas*, diz Naief Sáfady:

Tentar negar que as *Fôlhas caídas* repercutiram no público da época em que apareceram, não por seu mérito estético (...) e sim pelo escândalo em que incorria um homem da posição social, prestígio e galardão de Almeida Garrett, expondo aos quatro ventos seus amôres pela Viscondessa da Luz, é – parece-me – falsear a verdade. (SÁFADY (2ª. ed.), 1965, p. 18)

O estudioso mostra o seu avanço relativamente à grande maioria dos estudos literários de seu tempo:

As relações entre autor e obra no momento da criação têm, é certo, sua importância – a História Literária verifica-o constantemente. Mas é absurdo procurar, pela obra literária, o debuxo psicológico do homem que a escreveu ou, invertendo, pesquisar nos episódios da vida do homem os elementos presentes na obra. O que se observa, contudo, é que no caso *Fôlhas caídas* a associação autor-obra é quase uma constante, de que a crítica parece não desejar libertar-se. (SÁFADY (2ª. ed.), 1965, p. 25)

Naief Sáfady avisa assim, numa perspectiva avançada que nem todos seguiam, à época, que o seu estudo pretende ler a obra de Garrett em si, para observar a linguagem com que ela se constrói e a riqueza interior que a caracteriza, sem negar entretanto a emoção que impulsiona a construção textual.

Outro aspecto importante e que revela o avanço de Naief Sáfady relativamente à crítica feita à obra de Garrett, na época, tem a ver com o que hoje se estuda como “o testemunho” que a obra de arte literária apresenta, relativamente à negatividade e à incompletude que caracterizam o ser humano, ser de desejos insatisfeitos – ser-para-a-morte. Como diz Márcio Seligmann-Silva, no terceiro livro do grupo de pesquisa da Perséfone:

O conceito de testemunho permite, hoje, um acesso a uma série de questões que estão no centro do debate estético. Ele reintroduz uma reflexão sobre as fronteiras dos registros de escritura, nos aproximando dos “fatos” sem a ilusão do positivismo. (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 253)

Outro livro importante de Naief Sáfady foi *O sentido humano do lirismo de João de Deus*, publicado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em 1961. Se a análise das *Folhas caídas* levou o estudioso a definir aquele lirismo de Garrett como “lirismo em masculino”, a crítica do *Campo de flores*, de João de Deus, o fez encontrar um outro extremo criacional, entre os quais afirmou oscilarem as produções líricas do romantismo português.

Creio que esses exemplos seriam suficientes para mostrar a importância dos estudos críticos realizados por Naief Sáfady relativamente à literatura. Preciso entretanto acrescentar que esses estudos, além de dirigir-se a vários níveis de alunos – universitários e

de primeiro e de segundo grau, constituindo-se de ensaios, gramáticas, antologias, feitos isoladamente ou em conjunto com parceiros como Antônio Soares Amora, Massaud Moisés e João Etienne Filho – abrangem, além da Literatura Portuguesa, várias áreas do conhecimento, como Teoria literária, Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Comunicação social e Jornalismo, áreas a que a lucidez crítica de Naief Sáfy certamente trouxe esclarecimentos e acréscimos.

Além de publicar esses estudos em vários livros, e numa época em que o jornal cumpria o importante papel de divulgação da cultura literária, Naief Sáfy foi grande colaborador de periódicos, em Portugal e no Brasil (especialmente da revista *Colóquio/Letras* e dos jornais *O Estado de São Paulo* e o Suplemento Literário e Artístico (do CEDAP), onde publicou resenhas e estudos sobre escritores portugueses e brasileiros das mais variadas épocas e tendências, como Almeida Garrett, João de Deus, Alexandre Herculano, Gil Vicente, Camões, Ramalho Ortigão, Lopes de Mendonça, ou sobre o Parnasianismo, Aluísio Azevedo, Manuel Bandeira, Coelho Neto, Augusto dos Anjos, Graça Aranha, Gregório de Matos, José de Alencar, Mário de Andrade, Alphonsus de Guimarães e Visconde de Taunay.

Interessante ressaltar o fato de Naief Sáfy ter-se antecipado a muitos críticos da época, aplaudindo a obra de Guimarães Rosa, num estudo pioneiro em que focalizava “O processo de narração de *Grande Sertão: veredas*” e em que via Riobaldo como “cantador» e como “contador».

Naief Sáfy colaborou com a educação no Brasil também na área de administração: além de coordenar cursos de graduação e de pós-graduação, exerceu funções na Delegacia Regional do MEC em São Paulo e foi presidente de Comissões no Conselho Federal de Educação.

Será importante, neste meu depoimento, falar também do caráter empreendedor de Naief Sáfy, que participou da fundação de universidades como a Cásper Líbero, de São Paulo, da qual foi professor, tendo atuado também na Universidade Mackenzie de Guarulhos e de Taubaté, e também de Assis, em São Paulo. Tudo isso sem esquecer da Universidade Federal de Minas Gerais e do Colégio Estadual de Minas Gerais, onde fortaleceu extraordinariamente os estudos de Literatura e onde deixou seguidores que procuraram sempre pautar-se pelo seu exemplo de entusiasmo e seriedade no exercício da educação.

Disponível e generoso, Naief Sáfy estava sempre pronto a apoiar seus assistentes em seus projetos de cursos e nas tarefas afins, como definição de metodologias e bibliografias e preparação de aulas e cronogramas. Ajudava também assistentes, colegas e alunos nas suas pretensões de crítica literária, fossem elas relativas à publicação de estudos em revistas ou livros, fosse na orientação de teses e dissertações. Privilegiada por contar com essa disponibilidade, tive o prazer de ter a sua apresentação em um estudo sobre *Camões e Sá-Carneiro*, que publiquei num livrinho, em 1973 (Belo Horizonte, Ed. Andrade), tendo tido também o privilégio de ser sua orientanda no mestrado, realizado na

UFMG. Depoimento semelhante me faz Lani Goeldi, que também foi sua assistente, em São Paulo e também teve livro prefaciado pelo Sáfady.

Será importante reforçar aqui a preocupação do Professor em impulsionar os seus alunos, especialmente os assistentes, a desenvolver pesquisas e a divulgá-las, em cursos e publicações. Creio mesmo ter aprendido com ele essa qualidade (perdoem-me o convencimento!...), pois estou sempre querendo entusiasmar os estudantes a aprofundar estudos e a divulgar os seus resultados. Certamente por isso já organizei tantas publicações (na UFMG foram diversos números do *Boletim* do CESP e do *Caderno do NAPq* (o núcleo de pesquisa), além de *Anais* de congressos da ABRAPLIP e de Semanas de Estudos sobre Camões e Sá-Carneiro; só da revista *Scripta*, da PUC Minas, dezoito números com estudos de literatura foram organizados por mim; preparei também três volumes das *Veredas de Rosa* e seis *Cadernos CESPUC de Pesquisa* (trouxe o último para lançamento neste congresso; constam dele trabalhos de alunos de pós-graduação, mas também de graduação). E é certamente como uma homenagem ao querido Mestre que me desdobrei para bem orientar meus estudantes e para bem coordenar a pesquisa de um grande grupo (De Orfeu e de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas), que já publicou três volumes de ensaios.

Bem, creio que é momento de encerrar. E é com tristeza que concluo, dizendo que, infelizmente, problemas de saúde levaram o Professor Sáfady a se aposentar prematuramente, na UFMG, tendo acontecido em São Paulo, no dia 11.05.1990, o grave acidente que lhe tirou tão cedo a vida. O seu espírito forte e empreendedor continua entretanto a nos impulsionar e é por isso que convido vocês a nos reunirmos, agora, numa grande salva de palmas em homenagem ao grande Mestre Naief Sáfady.

Texto apresentado no XXIII Encontro Nacional da ABRAPLIP – Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, realizado em Salvador (BA), em setembro de 2009.